

Capítulo 3

A diversidade de uso do milho pelas camponesas do Espírito Santo, Goiás, Sergipe e Pernambuco

Altair Toledo Machado
Sandra Aparecida Alves
Jéssica da Silva Britto
José Arcanjo-Nunes

A importância da mulher no uso do milho no Brasil data desde a época dos cultivos feitos pelos Guaranis em suas roças sagradas, em que o milho era denominado Avati. A colonização trouxe diferentes variedades de milho, que passaram a fazer parte das histórias culturais e gastronômicas em diferentes regiões do Brasil, graças ao papel da mulher no seu contínuo manejo.

Em Goiás, os principais produtos da gastronomia local são: pamonha, curau, angu, fubá, farinha de milho, chica doida, bolo e canjica, e as principais variedades locais utilizadas são: Sol da Manhã, Eldorado, Ribeirão, Taquaral e o Caiano. Em Pernambuco, fazem parte da culinária local trabalhada pelas mulheres os seguintes produtos: pamonha, fubá torrado, fubá, canjica doce e bolo de milho, utilizando as seguintes variedades locais: Sol da Manhã, Dente de burro e o milho batité de Garanhuns. Em Sergipe, os principais produtos elaborados são: cuscuz, pamonha, bolo de milho, manauê, munguzá, canjica e bolo de milho, utilizando as seguintes variedades de milho: Sol da Manhã e Paulistão. Convém destacar que o milho Sol da Manhã foi lançado pela Embrapa em 1996, como sendo a primeira variedade desenvolvida a partir da estratégia de melhoramento participativo, tolerante à seca e eficiente no uso do nitrogênio (BRS 4157, 199-).

Com o avanço da agricultura moderna houve uma perda muito grande de diferentes variedades, conjuntamente com as suas diferentes formas de uso (Shiva, 2007). Como contraponto, as mulheres desempenharam um papel bastante relevante na conservação e no uso de diferentes variedades locais e crioulas de milho, como nos exemplos a seguir, apresentando experiências no Espírito Santo, Goiás, Sergipe e Pernambuco.

No Espírito Santo, no final da década de 1980, houve um trabalho forte de resgate de variedades locais com ensaios buscando recompor o trabalho das

mulheres com milho. Nesses ensaios, as mulheres identificaram que o fubá da variedade Sol da Manhã fazia uma excelente polenta. Em Muqui, ES, houve um apoio muito forte da prefeitura à comunidade Fortaleza, onde a história das mulheres camponesas se entrelaça com a história dos alimentos, com destaque para a polenta e a broa de fubá. É muito comum uma família convidar outra família para um almoço, em que o prato principal é a polenta com galinha caipira. O fubá utilizado é produzido na própria propriedade, fruto da desintegração do milho crioulo cultivado pela própria família. Como regras, a polenta é feita em panela de ferro, no fogão à lenha, e deve ficar em cozimento durante uma hora. A galinha é criada nos quintais domésticos e por duas vezes ao dia recebe grãos do milho crioulo para a engorda. Após o almoço e um bom papo, a família anfitriã oferece um café da tarde com broa de fubá. E, durante uma conversa e outra, o ingrediente que não falta é o milho produzido na propriedade. O milho crioulo, sem dúvida, dá grande realce à cultura e ao sabor dos alimentos. No Espírito Santo, os principais produtos feitos pelas mulheres são: fubá, canjiquinha, polenta, broa de fubá, biscoito de fubá e pamonha. O uso no artesanato se dá na produção de bonecas de palha de milho (Figura 1). As principais variedades utilizadas são: Fortaleza, Sol da Manhã, Aliança 01, Aliança 02 e Cravo.

Foto: Altair Toledo Machado



Figura 1. Artesanato em palha de milho feito pelas mulheres de Muqui, ES.

No final da década de 1980, houve uma articulação com diferentes organizações não governamentais para resgatar e avaliar variedades locais/crioulas que estavam desaparecendo (Machado, 1998). Várias experiências conduzidas pelas mulheres puderam ser potencializadas após esses trabalhos de resgate e avaliação. Na região do Cerrado, uma das primeiras experiências ocorreu na comunidade Caxambu, em Pirenópolis, GO; onde as mulheres conduziram ensaios com milho para identificar variedades que pudessem ser utilizadas como minimilho. Foram identificadas a variedade Sol da Manhã e a variedade Caxambu. Foi estabelecida uma agroindústria conduzida pelas mulheres para o processamento do minimilho, além de outros produtos, e foi denominada Promessa de Futuro (Figura 2).



Foto: Altair Toledo Machado

Figura 2. Produtos da agroindústria Promessa de Futuro, incluindo o minimilho.

Na região do Cerrado e do Semiárido, as mulheres camponesas sempre estiveram à frente dos processos de resistência e luta pela conservação das sementes crioulas e da agrobiodiversidade, de forma que não é possível avançar na prática agroecológica sem considerar o trabalho e a vida das mulheres. Em uma relação simbiótica, as mulheres e as sementes crioulas realizam a vida e a diversidade dos sistemas agrícolas em todo o mundo (Santos; Ramos Filho, 2020). A presença feminina tem um papel crucial em toda a cadeia alimentar, desde a produção até o processamento e distribuição. As mulheres estão à frente de vários processos produtivos, como o plantio do roçado, a colheita, a

seleção, o armazenamento das sementes, a criação de animais, a gestão da água, do solo e dos quintais produtivos. Além disso, muitas mulheres são responsáveis pela transformação de alimentos in natura em produtos prontos para o consumo, como pães, biscoitos, geleias e conservas. O milho também é utilizado verde, para a preparação da pamonha, curau, cozido, polenta, angu, e tantas outras receitas culturais e saborosas. O alimento é símbolo de memórias, cuidado, ancestralidade e fartura.

O milho agroecológico é um exemplo de alimento produzido de forma sustentável, com alto valor nutritivo e afetivo para as mulheres camponesas (Andriolli; Bassanesi, 2021). O milho é um dos principais alimentos na mesa camponesa e no trato dos animais. A diversidade das variedades de milho guarda uma estreita relação com os processos socioculturais. Assim, ao longo dos ciclos e das gerações familiares, as sementes vão sendo adaptadas às necessidades dos camponeses, e junto com esse processo cultiva-se um valor afetivo no qual a semente é concebida como “herança familiar” de modos de plantar e cuidar (Rebollar et al., 2010).

A prática de produção do milho agroecológico torna-se uma estratégia fundamental para fortalecer os hábitos alimentares, enquanto expressão cultural e social, e contrapor a padronização dos hábitos alimentares e o monopólio das empresas de sementes com a disponibilização de híbridos de baixa variabilidade genética. Por isso, é importante promover o papel das mulheres na produção de alimentos agroecológicos, bem como garantir o acesso delas a terras, recursos e tecnologias necessários para a produção sustentável de alimentos.

Partindo da importância e do papel que as mulheres camponesas desempenham na produção de alimentos, na preservação da agrobiodiversidade, no cuidado com as sementes e com a vida é que o Movimento Camponês Popular (MCP) tem realizado encontros e oficinas específicas de mulheres para construir com elas, a partir da análise coletiva da realidade e das possibilidades, propostas de experiências para serem implementadas, como a produção de sementes de milho agroecológicas, a produção de hortaliças agroecológicas, a produção de quitandas a partir de cozinhas coletivas para a merenda escolar e a produção de alimentos saudáveis de uma maneira geral (Movimento Camponês Popular, 2023). O MCP é uma das organizações que compõem a luta no campo brasileiro e tem uma história de lutas e mobilizações em defesa da terra de trabalho e

produção, bem como dos direitos do campesinato. As mulheres são uma presença constante e ativa no MCP (Figura 3). Estão em todos os espaços de decisão e contribuem como o processo organizativo.



Fotos: Sandra Aparecida Alves

Figura 3. Atividades organizadas pelo Movimento Camponês Popular (MCP) em Crixás, GO: (A) encontro específico de mulheres, realizado em maio de 2018 e (B) oficina para produção de quitandas com fubá e outros produtos do milho crioulo realizada em setembro de 2021.

No MCP, as mulheres têm uma grande experiência na produção de sementes. Elas são responsáveis por selecionar, armazenar e multiplicar sementes de variedades crioulas, aquelas que foram selecionadas e adaptadas pelos próprios agricultores ao longo de gerações. Representam variedades mais resistentes às condições locais, mais adaptadas às mudanças climáticas e mais nutritivas, o que torna a produção de sementes crioulas uma atividade essencial para a sustentabilidade da agricultura camponesa.

A partir do trabalho de resgate, produção, melhoramento e multiplicação de sementes, as mulheres no MCP têm participado de programas de pesquisa e desenvolvimento de variedades de sementes que são adaptadas às condições locais e às necessidades das comunidades rurais. Esse programa é viável graças à parceria do MCT com a Embrapa Cerrados e à dedicação e ação dos pesquisadores Altair Toledo Machado e Cynthia Toledo, que têm realizado acompanhamento, cursos, oficinas e dias de campo para capacitar mulheres e homens para a produção de sementes agroecológicas (Machado; Machado, 2015). Além dessas ações, foram implantados Corredores Agroecológicos, uma

experiência muito rica e que tem trazido importantes resultados na produção de alimentos saudáveis e sementes agroecológicas (Figura 4).



Figura 4. Dias de Campo organizados pelo Movimento Camponês Popular (MCP): (A) corredor agroecológico em Catalão, GO, em fevereiro de 2023 e (B) corredor agroecológico em Silvânia, GO, em março de 2020.

A produção de sementes no MCP é uma atividade coletiva e comunitária. As mulheres participam ativamente de todo o processo, desde a seleção das variedades até a multiplicação e distribuição das sementes. Elas são responsáveis por manter bancos de sementes em conjunto com a família e garantir o acesso das comunidades rurais às sementes de qualidade (Figura 5).



Figura 5. Manutenção do banco de sementes em Catalão, GO, da variedade Sol da Manhã, lançada pela Embrapa em 1996: (A) seleção massal da variedade em Catalão, GO, em junho de 2022 e (B) multiplicação da variedade em Catalão, GO, em junho de 2022.

As práticas das mulheres estão ligadas diretamente ao cuidado e à preocupação com a reprodução e com a manutenção da vida e da diversidade. Para Santos (2013), as mulheres não só cultivam alimentos, elas são sempre responsáveis por satisfazer as necessidades alimentícias de suas famílias.

Referências

ANDRIOLLI, L. A.; BASSANESI, D. Mulheres e sementes crioulas: trilhando os caminhos da agroecologia. **Cadernos de Agroecologia**, v. 16, n. 1, 2021. Disponível em: <https://cadernos.aba-agroecologia.org.br/cadernos/article/view/6590>. Acesso em: 20 fev. 2023.

BRS 4157: Sol-da-manhã NF. Seropédica: Centro Nacional de Pesquisa de Agrobiologia; Sete Lagoas: Centro Nacional de Pesquisa de Milho e Sorgo; Brasília: Serviço de Produção de Sementes Básicas, [199-]. 1 folder. Disponível em: <https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/34695/1/Sol-da-manha.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2023.

MACHADO, A. T. Resgate e caracterização de variedades locais de milho. In: SOARES, A. C.; MACHADO, A. T.; SILVA, B. M.; WEID, J. M. von der. **Milho Crioulo: conservação e uso da biodiversidade**. Rio de Janeiro: AS-PTA, 1998. p. 82-92.

MACHADO, A. T.; MACHADO, C. T. de T. Agrobiodiversidade e corredores agroecológicos. In: SANTILLI, J.; BUSTAMANTE, P. G.; BARBIERI, R. L. (ed.). **Agrobiodiversidade**. Brasília, DF: Embrapa, 2015. p. 104-124. (Coleção Transição Agroecológica, 2). Disponível em: <http://www.embrapa.br/documents/1355008/0/AGROBIODIVERSIDADE+E+CORREDORES+AGROECOLÓGICOS.pdf/6630d43f-3ecb-5ab0-f56c-32aa48e03860>. Acesso em: 20 fev. 2023.

MOVIMENTO CAMPONÊS POPULAR. **MCP Inaugura Cozinhas Coletivas em Goiás**. Disponível em: <https://www.mcpbrasil.org/post/cozinhas-coletivas-mcp-go>. Acesso em: 20 fev. 2023.

REBOLLAR, P. B. M.; MILLER, P. R. M.; CARMO, V. B. do. Desenvolvimento rural e práticas tradicionais de agricultores familiares: o caso do milho no vale do Capivari, Santa Catarina, Brasil. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v. 5, n. 2, p. 174-186, 2010.

SANTOS, L. R. S. **O território camponês sob o enfoque de gênero: a divisão sexual do trabalho**. 2013. 187 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão.

SANTOS, T. M. dos; RAMOS FILHO, E. da S. Guardiãs de sementes crioulas do Alto Sertão de Sergipe: mulheres que produzem soberania alimentar. **Cadernos de Agroecologia**, v. 15, n. 3, p. 1-7, 2020. Edição especial dos Anais do 3º Colóquio Internacional Feminismo e Agroecologia.

SHIVA, V. **Las nuevas guerras de la globalización: semillas, agua y formas de vida**. São Paulo: Popular, 2007.